

Diversão & Arte

MARISA ORTH,
KARINA BUHR E
TACIANA BARROS
SOBEM AO PALCO DA
CAIXA CULTURAL
PARA SHOW QUE
CELEBRA A MÚSICA
DO COMPOSITOR
CEARENSE

» NAHIMA MACIEL

É um caso de tripla paixão o espetáculo *Amar e mudar as coisas* – Belchior 80, uma homenagem que também serve de palco para uma leitura feminina e cheia de nuances da obra do garoto latino-americano. Em cartaz de hoje até domingo na Caixa Cultural, o espetáculo leva ao palco um repertório de 16 canções reunidas em 1h20 de um show idealizado por Taciana Barros e executado por ela mesma, ao lado de Marisa Orth, Karina Buhr e uma banda sustentada por Zélli Silva (baixo acústico) e Estevan Sinkovitz (violão).

Tudo começou em 2017. Antônio Carlos Belchior morreu em abril daquele ano, o mesmo em que o jornalista Jotabê Medeiros lançou a biografia *Belchior — Apenas um rapaz latino-americano*. “Para o lançamento do livro, o pessoal da editora (Todavia) me convidou para fazer alguma coisa para celebrar. E pensei: se for para fazer Belchior, tem que ser uma coisa grande. Sou muito fã, cresci ouvindo e ele tem um repertório absurdo, muito profundo, que conta a história do país. Então, pensei: vamos fazer um show”, conta Taciana Barros, diretora e idealizadora do espetáculo.

A primeira versão do show reunia a própria Taciana, Buhr e Ana Cañas. Foi com esta última que Marisa Orth assistiu ao espetáculo pela primeira vez. “Tudo começou porque, graças a Deus, sou amiga da Taciana”, brinca Marisa. “Ela estava organizando esse show, mas já estava com elenco completo. Eu ficava com o olho comprimido, querendo fazer também. E aí acabou rolando para o meu lado. Deu uns três anos e me chamaram. E eu fui, porque sou louca pelo Belchior desde o início.” Marisa Orth pode até ser mais conhecida como atriz — foram muitas novelas e a inesquecível Magda Antibes de *Sai de baixo* —, mas a vida atrás de um microfone foi tão intensa quanto aquela desempenhada atrás das câmeras. “Trabalho com isso desde 1986, meu primeiro sucesso foi com a banda Luni, na peça Fica comigo esta noite, e primeira vez que estive na Globo foi com Luni abertura de *Que rei sou eu?* Depois, veio a Vexame, sim, uma banda. É bom que a pessoa já entra avisada. A música sempre me acompanhou, sempre esteve comigo. Sou atriz, mas canto desde sempre”, conta.

No teatro musical, Marisa fez *Sunset Boulevard* e *A família Addams*. No palco, integrou as bandas Luni, nos anos 1980, e Vexame, que durou até 2007 e com a qual faz um revival desde maio no Blue Note de São Paulo. Belchior é um nome presente desde sempre na carreira de

Belchior



Taciaa Barros, Marisa Orth e Karina Buhr no espetáculo *Amar e mudar as coisas: Belchior - 80 anos*

José de Holanda

VEZES TRÊS

CORAÇÃO SELVAGEM

(Belchior)

Meu bem, guarde uma frase pra mim
Dentro da sua canção
Esconda um beijo pra mim
Sob as dobras do blusão
Eu quero um gole de cerveja
No seu copo
No seu colo e nesse bar

Meu bem, o meu lugar
É onde você quer que ele seja
Não quero o que a cabeça pensa, eu quero o que a alma deseja
Arco-íris, anjo rebelde
Eu quero o corpo
Tenho pressa de viver

Mas quando você me amar
Me abrace e me beije bem devagar
Que é para eu ter tempo
Tempo de me apaixonar
Tempo para ouvir o rádio no carro
Tempo para a turma do outro bairro
Ver e saber que eu te amo

Marisa, que já havia cantado *Paralelas* com a Vexame e com o próprio compositor, durante uma participação no programa *Altas horas*, da Rede Globo. “Eu ouvia Belchior no rádio quando ele estava aparecendo. Comprei o primeiro disco, era um ídolo, ele, Fagner, Alceu Valença, Simone”, conta.

No espetáculo, Marisa ficou com o repertório cantado por Ana Cañas. Entram nessa lista *Como nossos pais*, *Velha roupa colorida*, *Na hora do almoço* e *Coração selvagem*. “Essa eu pedi”, avisa. Alucinação e Apenas um rapaz latino-americano, as três cantam juntas. A interpretação de Elis Regina para Como nossos pais é icônica e uma referência, mas Marisa preferiu trabalhar os vocais da canção ouvindo o próprio Belchior. “Fui buscando a interpretação dele, que era um excelente cantor e eu queria entender quem era ele. Mas eu também meio que imito Elis”, admite.

Buhr conta que topou imediatamente quando recebeu o convite de Taciana. “Mesmo na época sendo um desafio total para mim cantar músicas que não eram minhas, ficar nesse lugar de cantora. Gosto muito das músicas e letras de Belchior, mas nunca pensaria em cantar. O convite de Taciana abriu várias janelas sobre interpretação e outras maneiras de estar num palco cantando”, conta a cantora que, em entrevista, revelou ter tido pouco contato com a música de Belchior ao longo da vida. “Belchior não fez muito parte das músicas que eu ouvia. Ele estava ali por perto, mas o mergulho mesmo dei a partir da feitura desse show. Gosto muito da maneira dele compor, de fazer tudo o que ele quer falar caber ali naquelas melodias, naquelas divisões estranhas.”

AMAR E MUDAR AS COISAS – BELCHIOR 80

Com Marisa Orth, Buhr e Taciana Barros. Hoje, às 20h, e quinta e sexta, às 19h e às 21h. Sábado, às 17h e às 20h, e domingo, às 18h. Temporada até domingo, na CAIXA Cultural (SBS Q. 4 Lotes 3/4). Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15, na Bilheteria Cultural

Três perguntas// Karina Buhr

Qual foi o maior desafio na produção desse show?

Cantar músicas que não são minhas, porque eu sempre fiquei num lugar de não me ver como cantora, mas como compositora e intérprete das minhas músicas e, aí isso mudou, aos poucos, a partir desse show.

O que há de especial na sua parte do repertório e como foi o trabalho com vocal e com os arranjos?

Entre as que canto estão Fotografia 3x4 e A palo seco. Gosto muito delas, são músicas como texto de teatro. Os arranjos foram criados por Taciana Barros e são bem simples, exaltando a poesia de Belchior. Não temos bateria, temos umas poucas percussões e quem guia é a poesia mesmo e a força das melodias no violão, guitarra e contrabaixo acústico.

Que raízes em comum têm você e Belchior?

Não vejo raízes em comum entre Belchior e eu. Gosto das palavras, de fazer elas caberem, e ele também, e isso é uma liga.



Reprodução da Internet